



FOGO NO LODO

UM FILME DE
CATARINA LARANJEIRO
E **DANIEL BARROCA**



FOGO NO LODO

REALIZADO POR

Catarina Laranajeiro e Daniel Barroca

PRODUZIDO POR

Rui Ribeiro, Elsa Sertório e Ansgar Shaefer
(Kintop, Portugal)

LOGLINE

Assombrados pela memória da guerra de libertação, ainda inscrita nos seus rituais, corpos, paisagem e música *techno*, uma aldeia de camponeses reivindica o seu futuro na Guiné-Bissau contemporânea.



SINOPSE

Unal é uma aldeia de cultivadores de arroz, cuja população desempenhou um papel crucial na luta de libertação contra o colonialismo português, na Guiné-Bissau. Foram os primeiros a envolver-se na luta armada, mobilizando espíritos ancestrais, os *Irãs* — considerados os verdadeiros donos do território e a quem prestam reverência — para a guerrilha.

Ainda hoje, cada gesto do ciclo do arroz — da plantação à colheita — é assombrado pela memória da guerra. Um trauma também inscrito nos seus rituais, corpos, paisagem e música *techno*.

No rescaldo da guerra, um grupo de guerrilheiros foi possuído por uma visão messiânica — “A Sombra” — que os dotou de poderes de divinação e de cura através de escritos talismânicos.

“Fogo no Lodo” é uma abordagem envolvente a uma complexa dinâmica onde formas religiosas e turbulências políticas se cruzam e fundem, para reivindicar o futuro desta comunidade na Guiné-Bissau contemporânea.



BIOGRAFIA DOS DIRETORES

Catarina Laranjeiro (1983) é antropóloga visual com um doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global. Nos últimos dez anos, investigou sobre a relação entre o cinema e a cosmologia política durante a luta de libertação na Guiné-Bissau. Realizou a curta metragem “Pabia di Aos” (2013). Paralelamente, realizou e participou em diversos projetos que cruzam a antropologia, o cinema e as artes visuais. Atualmente, desenvolve um projeto de investigação de seis anos sobre a produção de cinema vernacular em Cabo Verde, Guiné-Bissau e respectivas diásporas na Europa.

Daniel Barroca (1976) é um artista plástico que trabalha em formatos audiovisuais e interdisciplinares. Realizou residências na Academia de Espanha, Roma, (2003-2004); Künstlerhaus Bethanien, Berlim, (2007); Galeria QBox, Atenas, (2009); Rijksakademie van Beeldende Kunsten, Amsterdão, (2010-2011); Programa Home Workspace, Ashkal Alwan, Beirute (2013-2014); e Open Sessions, The Drawing Center, Nova York (2014-2015).

A obra de Barroca inclui instalações de cinema expandido que, ao longo dos anos, têm sido apresentadas em espaços como o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, (2003); Videoforms, Clermont-Ferrand, (2004); Cinemed, Montpellier, (2005); Rencontres International



BIOGRAFIA DOS DIRETORES

Paris/Berlim, Paris, (2005); Espace Videographe, Montreal, (2006); Festival de Curtas Metragens, Vila do Conde, (2006); Exis, Seul, (2006); Centro Nacional de Arte Contemporânea, Moscovo, (2006, 2009, 2012); Experiments in Cinema, Albuquerque, (2007); IFCT, Washington DC, (2007); Cornwall Autonomous Zone, Cornualha, (2011); DocLisboa, Lisboa, (2011); Museu Abteiberg, Mönchengladbach, (2013); Astrup Fearnley Museet, Oslo, (2014); Videoex, Zurique, (2015); Festival dos 3 Continentes, Nantes, (2016); MADC, San José, (2017); Khiasma, Paris, (2018); MAAT, Lisboa (2021). Exposições individuais da sua obra foram organizadas pela Fundação Carmona e Costa, Lisboa (2006); Museu da Electricidade, Lisboa, (2007); Künstlerhaus Bethanien, Berlim, (2008); The Mews, Londres, (2009); Uma Certa Falta de Coerência, Porto (2010); Imagem Galleri, Aarhus, (2011); Galeria Fernando Santos, Porto, (2011); De La Charge, Bruxelas, (2015); e Galerias de Arte do Hunter College; Nova York (2015). Em 2018 concluiu o mestrado em Antropologia na Universidade da Florida, Gainesville, como parte da sua ampla investigação sobre a criação de imagens imateriais durante a Guerra Colonial. É doutorando em Antropologia no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS).



NOTA DE INTENÇÕES DOS REALIZADORES

A experiência histórica da aldeia de Unal no decorrer da guerra de libertação contra o colonialismo português na Guiné-Bissau foi o que nos levou a realizar o documentário *Fogo no Lodo*. Vimos de contextos bastante diferentes. A Catarina estudou Psicologia, Antropologia e Estudos Pós-coloniais. O Daniel tem uma carreira em Artes Plásticas e mais recentemente em Antropologia. Os nossos percursos cruzaram-se no interesse comum sobre a complexa experiência humana da guerra através do cinema, naquela geografia específica do sul da Guiné-Bissau.

Como artista plástico e doutorando em Antropologia, Daniel tem vindo a trabalhar sobre a experiência do seu pai enquanto soldado do exército português nessa mesma guerra. Esse complexo legado tem sido um elemento central no seu trabalho, fomentando a procura em conhecer como é que pessoas do outro lado da guerra viveram esse mesmo processo. Catarina, por outro lado, teve uma experiência de dois anos numa ONG de educação para o desenvolvimento na Guiné-Bissau, o que lhe deu um forte sentido da diversidade cultural do país, das línguas locais e complexidades políticas.



NOTA DE INTENÇÕES DOS REALIZADORES

Assim, o ponto de partida para ambos foi olhar para a memória da guerra dentro dos limites de uma comunidade camponesa, para quem a guerrilha foi uma experiência pessoal e direta. Propusemos transmitir uma narrativa local não hegemónica sobre a guerra de libertação e a subsequente formação do Estado-nação. Assim, o filme tornou-se um projeto mais amplo sobre a memória da guerra de libertação, a atual tensão entre a comunidade e o Estado, a complexa diversidade religiosa, e o trabalho nos arrozais que é um dos pilares económicos da comunidade.

Criámos laços com pessoas em Unal que influenciaram a nossa abordagem cinematográfica. Combinando diversas experiências durante a guerra, com uma arriscada abordagem visual, decidimos extrapolar a história da nação libertada, tratando histórias pessoais capazes de desafiar e introduzir diversidade na narrativa nacional. Criar um relato cinematográfico sobre as pessoas e o seu contexto sociopolítico atual, passou a ser o nosso objetivo principal.



CRÉDITOS

FOGO NO LODO

DURAÇÃO

118'

REALIZADO POR

Catarina Laranjeiro
Daniel Barroca

ASSISTENTES DE REALIZAÇÃO

Mamassaliu M'Baatcha (Sada)
Julio M'Baatcha

IMAGEM E MONTAGEM

Daniel Barroca

SOM, BANDA SONORA E MISTURA

Dídio Pestana

CONSULTOR ARTÍSTICO E TÉCNICO

André Neto

COLORISTA

Gonçalo Ferreira

DESIGN GRÁFICO

Rui Silva

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Catarina Laranjeiro

PRODUÇÃO

Rui Ribeiro
Elsa Sertório
Ansgar Shaefer

DIRETOR DE PRODUÇÃO — GUINÉ-BISSAU

Queba Quebi

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO — GUINÉ-BISSAU

Mamassaliu Quebi (Sada)
Clódi M'Baatcha
Malam M'Baatcha

LOGÍSTICA

Mata Quebi
Celeste M'Baatcha
Malam M'Baatcha



CRÉDITOS

CONDUTORES

Braima Tumane Ture
David Capecalon
Sarafim Brama

TRADUÇÃO DE CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU

Maimuna Sambu
Letana Dan Lama

TRADUÇÃO DE BALANTA KUNTOHE

Fernando Nhaga Kumba
Julio Mario Siga
Letana Dan Lama

TRADUÇÃO INGLÊS

Paulo da Fonseca

MÚSICA

N'Pans — Nau Guiné Ka Pobri

PRODUTORA

Kintop

PAÍS DE PRODUÇÃO

Portugal

FINANCIADO POR

ICA — Instituto do Cinema
e do Audiovisual
República Portuguesa — Cultura



KINTOP

WEBSITE

<https://kintop.pt/>

MORADA

Av. Duque de Loulé 22 — 4
1050-090 Lisboa

TELEFONE

+351 927871787
+351 963154917
+351 934851820

E-MAIL

info@kintop.pt

CONTATO DE VENDAS

Elsa Sertório
info@kintop.pt

